



Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

vol. 36 | 2017

As formas da História das Ideias (em homenagem a José Esteves Pereira)

Visões da literatura e da cultura alemãs durante o Estado Novo e o nazismo

“Germanófilos”...

Visões da literatura e da cultura alemãs durante o Estado Novo e o nazismo

Luís Reis Torgal



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/3773>

DOI: 10.4000/cultura.3773

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 janeiro 2017

Paginação: 329-354

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Luís Reis Torgal, « “Germanófilos”... », *Cultura* [Online], vol. 36 | 2017, posto online no dia 06 dezembro 2019, consultado a 06 janeiro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/3773> ; DOI : 10.4000/cultura.3773

Este documento foi criado de forma automática no dia 6 janeiro 2020.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Visões da literatura e da cultura alemãs durante o Estado Novo e o nazismo

“Germanófilos”...

Visões da literatura e da cultura alemãs durante o Estado Novo e o nazismo

Luís Reis Torgal

NOTA DO AUTOR

Este texto (agora minimamente alterado) serviu de base a uma comunicação apresentada na Universidade de Aveiro, no âmbito do VIII Encontro Luso-Alemão, “Ficção e História no contexto luso-alemão”, que se realizou de 18 a 20 de Setembro de 2008, e a uma comunicação apresentada em Braga, a 3 de Outubro de 2008, no encontro “Zonas de contacto: Estado Novo / III Reich (1933-1945)”, organizado pelo Departamento de Estudos Germanísticos da Universidade do Minho. Embora as comunicações deste último encontro tivessem sido publicadas, o autor entendeu que não devia ali incluir o seu texto, dado que as actas do colóquio de Aveiro viriam também a ser editadas. Como não sucedeu até hoje, e com o conhecimento dos seus organizadores, resolveu publicar este artigo no livro de homenagem ao Professor Doutor José Esteves Pereira, que foi seu colega na Universidade de Coimbra e a quem o ligaram também laços de excelente colaboração na Universidade Nova de Lisboa. Desta forma, o referido texto, inédito até ao momento, pôde ser publicado.

Relações de Portugal e de portugueses com a Alemanha nazi – um estudo (sempre) incompleto

- 1 As ligações entre o Portugal de Salazar e a Alemanha nazi e mesmo a Itália fascista¹ – já para não falarmos nos estudos das relações portuguesas com as “ditaduras” dos países da Europa central, como a Hungria de Horthy, a Polónia de Pilsudski ou a Roménia de Carol II (e de Mircea Eliade e de Manóiesco), ou do Sueste europeu, como a Grécia de

Jorge II e do general Metaxas ou a Jugoslávia de Alexandre I, ou do Sueste europeu-Occidente asiático (Ásia Menor), neste caso a Turquia de Mustapha Kemal, dito “Atatürk” – não foram ainda objecto de estudos sistemáticos, mas apenas de sondagens mais ou menos circunscritas a realidades parcelares, ainda que sejam já significativos alguns trabalhos publicados. Pode dizer-se que os estudos mais amplos dizem respeito afinal à França de Vichy (Janeiro 1998) ou à Espanha de Franco (Loff 1996, 2008; Medina 2000).²

- 2 No caso alemão, para além de algumas comunicações que foram apresentadas em encontros luso-alemães e noutros colóquios ou em artigos de revistas, podem recordar-se algumas referências importantes nas investigações relativas: à II Guerra Mundial, realizadas por António José Telo (1991, 1990); aos nacionais-sindicalistas portugueses por António Costa Pinto (1994); à colónia alemã em Portugal, por Reinhard Schwarz (2006); às questões do ouro nazi, por António Louçã (1997, 2005) e por A. J. Telo (2000); às questões do volfrâmio, por João Paulo Avelãs Nunes (2010); às relações das polícias políticas de Portugal e da Alemanha, por Irene Flunser Pimentel (2007); ao Holocausto, também por Irene Pimentel (2006) com a colaboração de Cláudia Ninhos (2013) e por Esther Mucznik (2012); ou, a questões políticas, culturais e científicas, em obras de autor ou de colaboração (Clara e Ninhos 2014 e 2016; Ninhos 2017). E, se nos é permitido salientar uma obra que consideramos de citação obrigatória (e que, injustamente, não tem sido salientada como devia), acrescentemos a edição por Lina Madeira (2005) dos relatórios de Alberto Veiga Simões enquanto ministro de Portugal na Alemanha entre 1933 e 1940, que nos dá uma notável visão do que pensava um diplomata de grande agudeza de espírito e sentido crítico sobre a ascensão do nazismo na Alemanha.³ Esperávamos que Jürgen Zimmerer, com o conhecimento da língua alemã que resulta da sua própria nacionalidade e o conhecimento do português por motivos familiares e devido a uma longa estadia em Portugal, pudesse, através de uma bolsa de pós-doutoramento que orientámos, desempenhar a função de estudar sistematicamente o tema, pelo menos nos aspectos políticos e culturais.⁴ Porém, infelizmente para a investigação, mas felizmente para o investigador, a sua bolsa teve de ser suspensa a fim de exercer funções docentes na Universidade de Sheffield e agora na Universidade de Hamburgo, embora o seu trabalho já estivesse em curso e merecesse pelo menos a redacção de alguns artigos.
- 3 Quanto a nós próprios, com o desconhecimento da língua alemã, para além de simples e circunstanciais notas de leitura e de viagem (Torgal 2011, vol. II: 1085-1095), apenas nos temos limitado a reflectir sobre o pensamento português relativamente à Alemanha no quadro das concepções salazaristas sobre a Europa (Torgal 1994 e 2009) ou, mais restritamente, sobre uma revista bem significativa no quadro da Universidade portuguesa, ou seja, o *Boletim do Instituto Alemão* da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Torgal 2000). Neste *Boletim*, a partir de 1937, para além de encontrarmos a colaboração de importantes personalidades nazis,⁵ sobretudo dos meios académicos, deparámos com artigos de alguns autores que foram mais ou menos germanófilos, no sentido de manifestarem simpatia pela cultura ou pela política alemã da época nazi, como o arquitecto Raul Lino, que se formou na Alemanha e que acompanhou Albert Speer por altura da exposição da Arquitectura Alemã realizada em Lisboa nos inícios dos anos quarenta (Lino 1943), ou o professor de Direito de Coimbra José Beleza dos Santos, que elogiou o sistema prisional alemão, depois de uma visita de estudo (Santos 1935).

- 4 Salazar poderia não ter simpatia especial por Hitler e pelo nazismo, à parte o elogio que fez ao seu papel de "fronteiro do Ocidente" na luta contra o comunismo, mas, na sua política de neutralidade, deixou que os germanófilos expusessem as suas ideias e até desempenhassem funções na Alemanha, à espera do que pudesse vir a suceder, esperando firmemente que acabasse por se verificar o desaparecimento do comunismo e a liquidação das concepções demo-liberais, que considerava ultrapassadas, e a formação de "Estados fortes" em toda a Europa, no quais se integraria o seu modelo "original" de "Estado Novo". A lista dos germanófilos é, portanto, bem significativa, ainda que dificilmente encontremos nessa sua simpatia uma sintonia absoluta com o racismo ariano eo anti-semitismo nazis, como sucede, por exemplo, com Alfredo Pimenta, o historiador e político que veio do anarquismo, se tornou republicano evolucionista para passar ao monarquismo integralista e à defesa da Alemanha nazi. Se António Sardinha manifestou posições anti-semitas, devido à sua morte prematura não chegou a ver a vitória eleitoral de Hitler e, por isso, não chegou a manifestar opinião sobre o nazismo; e Mário Saa (*A Invasão dos Judeus*, 1925) era pouco importante em Portugal para poder ser apresentado como representante significativo do anti-semitismo português. Mas muitos nacionais-sindicalistas, novos integralistas e nacionalistas salazaristas não deixaram de sentir atracção pelo nazismo, ainda que alguns o desejassem mais moderado ou esperassem que tal se viesse a verificar depois de um entusiasmo inicial.
- 5 Assim sucedeu com Rolão Preto, líder nacional-sindicalista, que escreveu elogios ao nazismo no diário *Revolução*, mas que abdicaria depois das suas posições pró-nazis para se ligar à oposição portuguesa; com o professor da Faculdade de Ciências de Coimbra Eusébio Tamagnini, ligado às teses eugenistas e que veio a ser ministro da Instrução Pública de Salazar;⁶ com o professor de Direito Luís Cabral Moncada, que teve relações na Alemanha com o ministro da Justiça do *Reich* Hans Frank (futuro governador-geral da Polónia ocupada) para pensar o sentido da "Nova Europa"; com o monárquico, ideólogo do Estado Novo, João Ameal, como se pode ver nos seus vários livros doutrinários; com o jornalista Torres de Carvalho,⁷ que assistiu ao congresso de Nuremberga de 1933, deixando-se atrair pela propaganda nazi; com Francisco Velloso, companheiro de Salazar, que veio mais tarde, depois da guerra, a aderir ao Movimento de Unidade Democrática (MUD) em nome do corporativismo católico, mas que antes chegara a revelar compreensão pelo sistema alemão (Velloso 1942, caps. VII e VIII); com os diplomatas António da Costa Cabral, prefaciador do livro de Torres de Carvalho e que antecedeu a representação diplomática de Veiga Simões, e Francisco Nobre Guedes, ministro em Berlim depois de 1940 e, antes, primeiro Comissário-Geral da Mocidade Portuguesa, altura em que estabeleceu contactos de intercâmbio com a Juventude Hitleriana... E, acrescentemos, todos aqueles que foram quase agentes do nazismo em Portugal ou da sua cultura e da sua política, como os jornalistas ligados à versão portuguesa do *Sinal* e à edição de *A Esfera*; ou o jornalista e escritor Eduardo Frias, compilador dos "pensamentos" de Hitler (Frias 1941), antigo militante anarco-sindicalista e depois nacional-sindicalista, que veio a ser delegado do Instituto Nacional do Trabalho em Beja; ou Eduardo Metzner Leone, que esteve durante um ano na Alemanha a colaborar na *Kult-Rundfunk* (Leone 1941); ou o madeirense Alfredo António de Castro Teles de Meneses de Freitas Branco, visconde de Porto da Cruz,⁸ também colaborador na rádio de Berlim; ou, para finalizar os exemplos, o professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa Gustavo Cordeiro Ramos e o professor de liceu Garcia Domingues.

- 6 Escolhemos estes dois últimos para mais esta nossa análise circunstancial, devido ao significado do seu pensamento e, no caso do primeiro, à sua importância no aparelho científico e educacional do Estado Novo. Ambos escreveram textos que revelam a sua cultura de base alemã e o seu interesse e simpatia pela cultura nacionalista germânica e mesmo pela cultura nazi.
- 7 Cordeiro Ramos (1888-1974), para além das suas funções de professor do ensino liceal (no Liceu de Évora) e de professor universitário na área germanística (na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), foi o primeiro ministro da Instrução Pública de Salazar⁹ e defensor da sua política.¹⁰ Foi posteriormente presidente do Instituto para a Alta Cultura (após 1942), depois chamado Instituto de Alta Cultura, e mais tarde seu presidente honorário; teve ainda a importante função de procurador à Câmara Corporativa.
- 8 Quanto a José Garcia Domingues (1910-1989), natural de Silves e formado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Universidade de Lisboa, teve um percurso singular que merece, sem dúvida, um estudo mais aprofundado, ainda que já tenha sido objecto de algumas notas muito esclarecedoras no contexto de uma tese de doutoramento de História política local do Estado Novo e da sua oposição.¹¹ Foi professor do Liceu de Faro e organizador ali do núcleo do movimento nacional-sindicalista dirigido por Rolão Preto. Assim, colaborou no diário *Revolução*, de Lisboa, foi fundador e director do jornal *O Nacional-Sindicalista* (1932-1933), de Faro, e exerceu as funções de secretário da secção cultural do partido nacional-sindicalista. Todavia, em 1933 passou a exercer funções de Inspector-Orientador do Ensino Primário, tendo-se deslocado para Lisboa. Nos anos trinta (em 1934 e 1938) foi preso pela PVDE por suspeitas de participar em movimentos revolucionários monárquicos. No auto de perguntas, em 1938, afirmou que se preparava para apoiar Paiva Couceiro, mas para dali poder sair um Governo que "seguiria uma ideologia nem monárquica nem republicana, à imagem, talvez, do regime hitleriano".¹² Sempre vigiado pela PVDE/PIDE, foi demitido das funções de Inspector-Orientador e, acima de tudo, foi obtendo bolsas de investigação, nomeadamente do Instituto de Alta Cultura. Desta forma, dedicou-se aos estudos luso-árabes, ficando também o seu nome ligado ao levantamento do património de Silves (participou na fundação, em 1956, do Grupo dos Amigos de Silves) e, nos anos cinquenta, a manuais de História do último ciclo liceal, onde é evidente um elogio ao salazarismo (Domingues 1957 e 1959).
- 9 Mas, antes de entrarmos na análise referida de Gustavo Cordeiro Ramos¹³ e de Garcia Domingues, deixemos apenas uma anotação sobre o pensamento de Luís Cabral Moncada.

Cabral Moncada: Socialismo, Nacionalismo e Cristianismo ou a forma singular de simpatia pelo nacional-socialismo alemão

- 10 Uma das personalidades mais interessantes do nacional-sindicalismo – de quem se veio a publicar postumamente umas memórias de grande interesse para o conhecimento das relações dos intelectuais portugueses com a Alemanha nazi, mas também com a cultura alemã, independentemente do regime e da ideologia política, o que faz distinguir a germanofilia ou, melhor, a "hitlerofilia" ou mesmo a "nazifilia", do germanismo –, é, na verdade, Luís Cabral Moncada (1888-1974) (cf. Moncada 1992).

- 11 Professor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, sobretudo nas áreas de História e Filosofia do Direito, e director da Faculdade em 1928 e de 1956 a 1958 e vice-reitor de 1931 a 1939, foi ainda juiz do Supremo Tribunal Plebiscitário do Sarre de 1934 a 1936, onde defendeu teses pró-germânicas relativamente ao domínio da região, vice-presidente do Instituto de Alta Cultura e vogal da direcção nos anos quarenta e cinquenta. Deixou-nos, como se disse, uma síntese fundamental que nos pode explicar as relações de intelectuais portugueses com o nacional-socialismo vistas de uma forma "original", mercê do seu tradicional cristianismo, "não conservador", como fazia questão de salientar. É verdade que a maioria dos católicos e dos representantes da sua intelectualidade, como se pode ver, por exemplo, através da leitura da revista jesuítica *Brotéria*, não entendeu e muito menos aceitou, em termos de adesão, o totalitarismo nazi e a sua tendência para o paganismo ou o laicismo, mas alguns consideraram que era possível manter essa simpatia desde que não afirmassem os seus excessos ou esperando que algum radicalismo que admitiam existir no nazismo se fosse esbatendo. Foi isso que sucedeu com Cabral Moncada, apesar da sua formação jesuítica de base, pois fora aluno do famoso Colégio de S. Fiel, na Beira Baixa, distrito de Castelo Branco.
- 12 Integrando-se cedo no Estado Novo, como a maioria dos nacionais-sindicalistas (Rolão Preto é uma das raras excepções), foi escrevendo artigos ou proferindo discursos ou conferências de apoio a Salazar, ainda que se tenha colocado geralmente fora do espaço do aparelho de Estado. Assim, em 1936, proferiu uma conferência em Coimbra e depois em Lisboa, onde procurou defender a sua teoria própria do Estado Novo, com uma lógica que nos faz pensar obviamente no nacional-socialismo moderado, que não foi desmentido, antes pelo contrário, nas suas viagens à Alemanha em plena guerra e que lhe valeram, de resto, o doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Heidelberg. Nessa conferência, intitulada *O Dever da Hora Presente*, deixou-nos estas palavras bem significativas:

Peçamos um pouco – se me é lícito empregar mais uma vez uma linguagem filosófica – ao Socialismo a *matéria*; ao Nacionalismo a *forma*; e enfim ao Cristianismo o *sentido*, para a construção da nossa ideologia! Mas para isso, e neste momento acima de tudo, para isso saibamos, Meus Senhores, combater, como supremo dever da nossa consciência intelectual de cristãos, de nacionalistas, de patriotas, de europeus, de civilizados, de verdadeiros homens – embora tenhamos de transigir momentaneamente com algumas ideias que desejamos e esperamos ver rectificadas no seio de certos nacionalismos – o inimigo mortal, ao mesmo tempo, dessa matéria, dessa forma e de sentido de que falo: o *Comunismo marxista*. O Comunismo marxista... eis o inimigo, o Anti-Cristo! (Moncada 1937, 64-65)
- 13 Retenhamos estas ideias que nos ajudarão a entender melhor as teses de Cordeiro Ramos e Garcia Domingues, que, sem negarem o grande significado do Cristianismo para definir o "Espírito Português", consideravam fundamental a "experiência alemã" nacional-socialista.

Gustavo Cordeiro Ramos e a literatura alemã

- 14 Gustavo Cordeiro Ramos, que, depois de se formar no Curso Superior de Letras, frequentou a Universidade de Leipzig e veio a ser nomeado senador *honoris causa* pela Universidade de Colónia, já em tempo do nazismo, para além de ter tido muitas condecorações e pertencido a várias academias, proferiu, em 11 e 13 de Abril de 1934, duas lições na Academia das Ciências, de que era membro. Essas lições foram

publicadas, pela própria Academia, na colecção "Biblioteca de Altos Estudos", com o título *Alguns Aspectos sobretudo Literários do Moderno Nacionalismo Alemão* (1934).

- 15 No início dessas lições reconhece o risco que seria abordar um tema político na Academia, mas entende também que, "nesta época de renovação política, parece-me vantajoso conhecer o exemplo alemão, pois dele poderemos colher ensinamentos úteis e valiosos" (Ramos 1934, 5-6).
- 16 Começa com a análise do pensamento nacionalista de Arthur Moeller van den Bruck (1876- 1925),¹⁴ tradutor de Dostoievski, escritor e historiador particularmente conhecido pelo polémico livro que escreveu e intitulou *Das dritte Reich (O Terceiro Reich)* (1923). Cordeiro Ramos considera-o uma síntese estruturada de todos os nacionalismos, que tiveram atrás de si o pensamento medieval e o pensamento romântico alemães, a concepção do *Volksgeist* de Herder, a renovação intelectual de pensadores como Nietzsche, as influências de Wagner, Houston Stewart Chamberlain e Gobineau, as teses de Spengler sobre a decadência do Ocidente, o anti-semitismo declarado de certos sectores culturais, mas também o ideário daqueles que temiam o progresso das raças de cor e as consideravam uma ameaça. Mas foi a consciência do significado da I Guerra Mundial que deu consistência ao nacionalismo de Moeller van den Bruck. Segundo ele, a derrota alemã não se deveu à falta de técnica nem à falta de disciplina. A Alemanha "foi vencida politicamente porque a consciência nacional não estava formada, porque ao trabalhador não foi dado o lugar que de direito lhe pertencia na nação alemã" (Van den Bruck *apud* Ramos 1934, 13). Foi assim que escreveu a obra citada, que Cordeiro Ramos considerou "um dos documentos mais valiosos da moderna literatura social" (Ramos 1934, 17). O seu objectivo fundamental consistia em chamar indivíduos de campos políticos diferentes que iriam constituir um ideal nacional, tendo como base um socialismo a que chamou "conservador-revolucionário", com um partido único que seria a "continuidade da história alemã". Assim, surgiria uma Alemanha poderosa sobre os escombros da democracia, como se vê neste texto traduzido por Ramos:

"No mundo que se afunda e que hoje é o vencedor, esforça-se o nacionalismo alemão por salvar o que é alemão, procurando-o nos valores que ficaram vencedores, por serem invencíveis na sua essência. Luta por eles, para que ocupem o lugar que lhes compete, não só na Alemanha, mas na Europa.

A Europa em que pensamos não é, porém, a de hoje que é desprezível de mais, para dalgum modo poder ser valorizada. Pensamos na Europa de ontem e na que dela talvez surja. Pensamos na Alemanha de todos os tempos, na Alemanha com um passado bimilenário, na Alemanha de um presente eterno que vive nos domínios do espírito, mas à qual deve ser assegurada a sua existência na realidade política. A animalidade existe dentro do homem.

A escuridão africana chega até nós. Temos de ser os guardas vigilantes na defesa dos valores." (Van den Bruck *apud* Ramos 1934, 18-19)¹⁵
- 17 Outras obras completavam o pensamento de Moeller van den Bruck, segundo a análise do germanista e germanófilo português: *Der preußische Stil (O Estilo Prussiano)* (1931), *Das Recht der jungen Völker (O Direito dos Povos Jovens)* (1932) e *Das ewige Reich (O Eterno Reich)* (1933).
- 18 No primeiro, apesar de ser um livro pretensamente de História da Arte, procura mostrar que o estilo monumental prussiano é um princípio de formação de um Estado, "cuja história ainda não terminou" (Ramos 1934, 20). Em *O Direito dos Povos Jovens* defende a formação de uma federação socialista dos povos do Próximo Oriente em ligação com a Rússia, com os quais o autor preconizou uma luta contra o tratado de

Versalhes (*Ibidem*). Em *O Eterno Reich*, sobretudo num dos capítulos, "Das dritte Reich und die jungen Völker" ("O Terceiro Reich e os povos jovens"), procura a conciliação do socialismo com o nacionalismo (*Ibidem*, 21-22). Numa forma descritiva, Gustavo Cordeiro Ramos vê, assim, nestas obras do autor, a construção fundamental de uma ideologia nacional-socialista, que evidentemente o atrai.

- 19 Ernst Jünger (1895-1998), biólogo e escritor polémico, considerado o precursor do realismo mágico, volta ao tema da guerra como estruturador do nacionalismo. O livro *Der Kampf als inneres Erlebnis* (*A Luta como Experiência Interior*) (1922) é a primeira obra em que aborda o assunto, e a ela se seguem *Die totale Mobilmachung* (*A Mobilização Total*) (1931) e *Der Arbeiter* (*O Trabalhador*) (1932). Encontramos assim, pela análise de Cordeiro Ramos da obra de Jünger, a ideia da guerra como mobilizadora de todas as reservas dos povos, condensada na ideia do trabalhador-soldado e na mobilização total como supremo projecto organizador da nação. Conforme sintetiza Cordeiro Ramos:

Ao contrário da sociedade burguesa que compreende o trabalhador como condição, estado; ao invés do marxismo que nele vê uma classe, Jünger considera-o o novo tipo humano que realiza e concilia a liberdade e a autoridade (*Freiheit und Herrschaft*), pois só o trabalhador estabelece uma relação íntima, primitiva (*Urverhältniss*), com as forças elementares da natureza que actuam perturbadoras no âmbito burguês. (*Ibidem*, 25)

- 20 Desta maneira, organizava-se toda uma concepção que se antecipava às ideias nazis ou que organizava e estruturava ideias soltas. De resto, como notava Ramos, outros pensadores abordavam o problema da guerra, como A. Erich Günther, que falava da posição dos intelectuais em *Die Intelligenz und der Krieg* (*A Inteligência e a Guerra*). O mesmo se poderia dizer em Portugal e em outras partes do mundo, onde o problema se afirmava, acrescentemos nós. Veja-se o caso dos modernistas, como Marinetti e D'Annunzio, ou Almada Negreiros e António Ferro (Torgal 2004). Mas Gustavo Cordeiro Ramos não se limita a uma análise objectiva, pois parece tentar compreender no seu âmago e com simpatia as teses destes autores alemães.
- 21 De resto, acrescente-se que Jünger, que teve uma vida centenária, tornou-se uma personalidade polémica, dado que se recusou a aceitar a convivência com o nazismo, ainda que fosse evidente a sua ligação à terra, como evidenciou em *Blut und Boden* (*Sangue e Terra*), muito popular entre os nazis. Acabou só nos anos cinquenta por ser reabilitado.
- 22 Vejamos agora como Cordeiro Ramos analisa os casos de Spengler (que teve grande difusão em Portugal, se bem que não tenha sido então traduzido) e Winnig.
- 23 As doutrinas de Spengler (1880-1936) – segundo Cordeiro Ramos (1934, 34-44) – “dominaram o pensamento político das direitas” de 1918 a 1924 (*Ibidem*, 34). Mas Ramos não analisa a sua obra mais conhecida, *Der Untergang des Abendlandes* (*Decadência do Ocidente*) (1918), onde manifesta uma atitude antiliberal e uma concepção orgânico-conservadora de história, mas sobretudo os seus *Politische Schriften* (*Escritos Políticos*) (1933). Entre eles há um estudo que lhe desperta particular atenção. Trata-se de *Das heutige Verhältniss zwischen Weltwirtschaft und Weltpolitik* (*As Relações Actuais da Política e da Economia Mundiais*). Segundo ele, os países industriais da Europa estão a ceder economicamente aos países da Ásia Oriental, do Norte de África, da América Central e da Rússia. E a sua convicção é que a mudança de tendência não seria tanto conduzida por razões económicas, como por razões políticas. Então Spengler distingue o inglês e o alemão, “dois tipos diferentes, de ideologias irreconciliáveis” (*Ibidem*, 37): no caso inglês

afirma-se o seu carácter "privado", contando sobretudo o "indivíduo", enquanto "a concepção da liberdade para o prussiano está em servir" (*Ibidem*, 37-38). E – nota interessante – foi "a moral do marxismo que arruinou o socialismo alemão", moral essa "de origem inglesa" (*Ibidem*, 39). A divisão de classes em "burguês" e "proletário" é genuinamente inglesa. E, fazendo uma leitura de Spengler, Gustavo Cordeiro Ramos conclui: "A ditadura proletária, procurando o domínio de uma classe, aspira, por seu turno, a converter-se de espoliada em espoliadora" (*Ibidem*, 39). Ao invés, com uma moral política nacional, a Alemanha terá todas as possibilidades de se tornar dominante na economia mundial.

- 24 Todos os outros estudos compilados nos *Escritos Políticos* acabam, de um modo ou de outro, por se integrar nesta lógica de afirmação mundial da Alemanha, nomeadamente o opúsculo que teve o título *Deveres Políticos da Mocidade Alemã* (*Politische Pflichten der deutschen Jugend*), no qual o autor pretendeu mobilizar a mocidade para uma nova luta nacional, depois da situação aviltante a que a Alemanha ficou reduzida.

- 25 Cordeiro Ramos analisa depois, entre os casos "mais interessantes do nacionalismo alemão", o pensamento prático de August Winnig (1878-1956), figura humilde de operário (*Ibidem*, 44-69). No seu livro *Frührot* (1919), dedicado a Spengler, conta a sua vida simples, valorizando as qualidades de trabalho e de respeito (as "qualidades sãs do camponês", como interpreta Cordeiro Ramos) e o seu apego a um socialismo que "nada tinha de comum com o materialismo e o marxismo". Como disse Winnig – frisa Cordeiro Ramos –, "o seu modelo, como homem, é o pedreiro Teodoro Bömmelburg, o presidente da associação de classe que num discurso pronunciou esta frase, para ele inolvidável, tendo-a sempre presente em toda a sua carreira política: um povo não pode viver sem ordem; a ordem é o Estado (*kein Volk kann ohne Ordnung bestehen. Die Ordnung ist der Staat*)" (Winnig *apud* Ramos 1934, 48). E, depois, sintetiza Cordeiro Ramos:

A sua experiência inteligente mostrou-lhe que a igualdade exterior dos homens é impossível, por ser contrária à natureza. Nenhuma criatura do mundo vivo é perfeitamente igual a outra. Interiormente, também os homens divergem. Só uma igualdade pode existir: a igualdade no respeito e consideração pública. Para isso, é necessário que a classe operária se eleve pelos costumes, pelos dotes de espírito, sentimento da colectividade e permanente esforço. É essa a nobre missão do socialismo. (*Ibidem*, 48-49)

- 26 Eis, em síntese, extraída de Gustavo Cordeiro Ramos, o pensamento prático e simples de Winnig, que qualquer salazarista apoiaria. Assim, o autor português conclui:

O livro é uma obra prima pela linguagem simples e expressiva, pela sua ligação à terra e ao povo, cheio de amor pátrio e familiar (abre com a palavra *Heimat* [Pátria] e fecha com a palavra *Mutter* [Mãe]); documento de extraordinário encanto que respira bondade e crença, podendo sem favor colocar-se a par das produções mais valiosas dos últimos tempos. (*Ibidem*, 49)

- 27 As restantes obras de Winnig integravam-se na mesma ordem de ideias, com uma narrativa biográfica, dando a conhecer a sociedade alemã depois da guerra, falando contra o marxismo do pós-guerra e procurando promover o trabalhador (*Vom Proletariat zum Arbeitertum* (*Do Proletariado ao Trabalhador*), 1930, é um dos seus títulos). De resto, foram muitas – como observava Cordeiro Ramos – as obras sobre a vida do proletariado alemão, e é notável como houve instituições (como a Frente do Trabalho Alemão) e leis do trabalho que, já no Estado nazi, procuraram valorizar e honrar o trabalho. O próprio Franz von Pappen, vice-chanceler, no discurso proferido em 4 de

Março de 1933, "Ao Trabalhador Alemão", dizia ser nefasta a preocupação dos trabalhadores em fazer seguir os filhos por uma profissão académica:

Devemos lembrar-nos [...] de que cada classe tem o seu valor, de que um bom mecânico vale mais do que um médico inferior, de que um competente serralheiro de máquinas angaria mais facilmente o seu pão do que tantos advogados a morrerem de fome nos seus escritórios. O maior crime que se comete contra um homem é dizer-lhe que é proletário. Todos podem ser senhores, mesmo o mais simples trabalhador e o mais modesto camponês. (Franz von Pappen *apud* Ramos 1934, 59, nota de rodapé)

- 28 Independentemente de se poder ser atraído por uma posição deste tipo, o que demonstra afinal o seu poder de persuasão e também uma certa perversidade da propaganda, o certo é que Salazar tem afirmações deste género, numa lógica "trabalhista" que o Estado Novo assumiu, embora mais como símbolo do que como processo verdadeiramente mobilizador.¹⁶
- 29 Mas Cordeiro Ramos não se limitou a falar deste pensamento militante. Não enjeitou falar de um escritor que se tornou declarado inimigo do nazismo e que cedo seguiu o caminho do exílio, Thomas Mann (1875-1955) (*Ibidem*, 61-65).
- 30 Ele próprio começa por falar de Mann desta forma:

Poderá parecer à primeira vista estranho que na história do movimento nacionalista se não possa omitir o nome de Thomas Mann, o conhecido orador, político e homem de letras, autor de obras de inegável mérito, de que destacarei o famoso romance *Buddenbrooks* (1901),¹⁷ o qual mais do que a história de uma família burguesa, é o espelho fiel de uma época de decadência. T. Mann é hoje inimigo declarado do regime em que ideias nacionalistas encontraram realização totalitária; está ao lado do velho partido social democrático; foi excluído da Academia prussiana de Letras, depois da sua recente reorganização dentro dos novos princípios nacionalistas; exilou-se com os emigrantes políticos que não quiseram reconhecer o novo estado de coisas. (*Ibidem*, 61)
- 31 O certo é que Ramos encontrava na sua obra *Betrachtungen eines Unpolitischen* (*Considerações de um não político*) (1932) teses que apontavam para o nacionalismo. Não considerava que na Alemanha se pudesse falar de "democrático", de jacobino, de *citoyen vertueux*. Na Alemanha poderia falar-se sim de "popular". E explicava Cordeiro Ramos: "Popular, no sentido alemão, quer dizer livre, interna e externamente, mas liberdade não é equivalente a igualdade" (*Ibidem*, 62). A forma de governo por ele defendida era a monarquia, pois ela poderia melhor do que outro regime oferecer "garantias de liberdade política, tanto no campo espiritual como económico". Além disso, T. Mann era contra a "organização parlamentar e partidária" (*ibidem*).
- 32 Assim, Cordeiro Ramos, descontextualizando a obra de Mann, escrita ainda no tempo de uma república que não encontrava um rumo de estabilidade e desenvolvimento, apresentava-o afinal como um defensor do nacionalismo ou de ideias que se concentravam no nacionalismo. O mesmo fizeram afinal os militantes da *Action Française*, ao considerarem Proudhon "*maître de la Contre-Révolution*", ou os nossos integralistas, ao considerarem Garrett ou Herculano como precursores do nacionalismo que defendiam e Antero ou Teófilo como "Mestres da Contra-Revolução". A mesma lógica será seguida no Estado Novo.¹⁸
- 33 Algo de idêntico se passava na sua interpretação de Ernst von Salomon (1902-1972), nos livros *Die Geächteten* (*Os Banidos*) (1930) e *Die Stadt* (*A Cidade*) (1932) (*Ibidem*, 65-72). Surge em Salomon a ideia de que, com base no campo, e nas suas virtudes, se terá de destruir

a Cidade para se construir outra Cidade. Foi esta uma obra de tal modo defensora de um nacionalismo radical e de um extremismo revolucionário que, notava Ramos, acabou até por não ser bem aceite em sectores nacionais-socialistas (*Ibidem*, 71).

- 34 Finalmente, neste passar de olhos pela cultura e pela literatura alemãs, Cordeiro Ramos não poderia deixar de falar do próprio pensamento nacional-socialista, instalado como poder no ano anterior e considerado como "última expressão do moderno socialismo alemão". Por isso dedicou-lhe uma fatia significativa nas conferências e no livro (*Ibidem*, 73-134).

- 35 Entre muitas obras e autores, fala, obviamente, de Hitler e do seu *Mein Kampf*, defensor da violência necessária em defesa de uma nova ordem nacionalista contrária à decadência provocada pela guerra e pelo semitismo. Mas fala, sobretudo, de Goebbels (1897-1945) e do final de *Der unbekannte S. A. Mann* (*O desconhecido homem SA*)¹⁹ de que Cordeiro Ramos transcreve uma parte significativa, tendo como fonte o livro de Ernst Posse, *Die Politischen Kampfbünde Deutschlands* (1931):

Erguei-vos jovens aristocratas duma nova classe de trabalhadores. Sois a nobreza do terceiro Reich! O que semeais com o vosso sangue, frutificará com a colheita magnífica! Cerrai os punhos! Desenrugai a fronte! Servi e trabalhai!

A luta será decisiva para a aristocracia! Destruí a igualdade da democracia que entrava ao trabalhador o caminho para a sua missão histórica!

Democracia é o suicídio da inteligência e do braço! Protestai contra a igualdade! Defendei-vos de ser colocados no mesmo pé de qualquer insignificante! Foi por assim ficarem parados trinta milhões de palermas que se iniciou o reinado eterno de Ashavero.²⁰ Não ladeeis assuntos! Explicai-vos claramente: Somos anti-democráticos, porque descobrimos em nós a nobreza de uma nova época.

Hoje somos poucos, hoje domina sobre nós o espírito que odiamos e negamos. Hoje triunfa a nobreza do dinheiro sobre a nobreza do trabalho. Sacrificai-vos! No sacrifício se forma o jovem aristocrata. Mantende a disciplina!

De poucos [se] faz um batalhão.

Sede fanáticos! Se nós temos razão – e nisso acreditamos com todas as veras da alma – é porque os outros a não têm. Acreditai-me: toda a nação olha para nós. Berlim tornou-se o centro da luta. Se conseguirmos, neste deserto de asfalto, destruir a peste vermelha, a nossa acção será imortal. (Ernst Posse *apud* Ramos 1934, 75-76)²¹

- 36 E fala de *Der Mythus des 20 Jahrhunderts* (*Omitido século XX*) (1925) de Alfred Rosenberg (1893-1946), onde o doutrinário alemão considera a raça, na sequência de Gobineau e H. S. Chamberlain, a base da organização do Estado alemão, em oposição ao judaísmo, à democracia e mesmo ao espírito cristão.²² Refere-se ao grande jurista Carl Schmitt (1888-1985) e às suas obras *Die geistesgeschichtliche Lage des heutigen Parlamentarismus* (*A Situação Histórica do Actual Parlamentarismo*) (1923), *Der Begriff des Politischen* (*O Conceito do Político*) (1927/1932), *Der Hüter der Verfassung* (*O Guarda da Constituição*) (1931). A sua tese central é a de que os conceitos políticos são conceitos teológicos secularizados, tendo passado do teológico ao metafísico, deste ao moral-humano e daí ao económico, terminando esta evolução pela queda do Estado burguês e liberal (*apud* Ramos 1934, 79-81). Numa nova concepção, entende Schmitt que é ao presidente do *Reich* que compete toda a organização do Estado, numa lógica totalitária, que faz de todos os problemas sociais e económicos problemas de Estado e, assim, políticos.

- 37 Também neste quadro de ideologia política não esquece Cordeiro Ramos as concepções do pensador austríaco conservador Othmar Spann (1878-1950), sociólogo e economista (*Der wahre Staat, O Verdadeiro Estado*, 1921), que fala da ruína do Estado individualista e na sua reconstituição numa linha de Estado orgânico.

- 38 Adolf Bartels (1862-1945), jornalista e poeta, considerava que a revolução de 1918 fora feita com dinheiros judeus, procurando reforçar a concepção de Raça, contra as concepções liberais e burguesas. Daí a ideia fundamental de "nacionalização da cultura", que já surge em 1901 no prefácio à *Geschichte der deutschen Literatur (História da Literatura Alemã)* (1901-02), que era, de resto, um *leitmotiv* de todas as teorias literárias relativamente a cada país e que não era atributo – acrescentemos nós – do pensamento da direita contra-revolucionária.²³
- 39 A revista *Die Neue Literatur*, neste contexto, dirigiu uma crítica veemente à Academia de Letras prussiana, que fora reconstruída com a saída de alguns escritores, como Thomas Mann (conforme se disse) e a entrada de outros, na base de que a Academia e todas as instituições não deveriam ser meramente decorativas, mas servir a nação. Neste sentido, o dramaturgo Kolbenheyer, que se exilara do nazismo, no seu estudo *A Revolução Nacional e a Revivescência do Espírito Alemão* insistia no papel que competia ao homem de letras: destruir tudo o que prejudicasse o povo. Como dizia o presidente da Academia de Letras prussiana, Hans Johst (1890-1978), o autor do drama *Schlageter*, numa conferência pronunciada em 1928: "O dramaturgo não é nenhum Cristo, mas deve ser piedoso, pode pertencer ao mundo, mas sempre ao serviço do povo, amar a sua vida, converter-se no mistério do seu amor apaixonado" (*apud* Ramos 1934, 102). Algo de idêntico – acrescentemos era dito por António Ferro como presidente do SPN.²⁴
- 40 Como diz Cordeiro Ramos, "a acção do Estado Novo²⁵ fez-se sentir igualmente nas Universidades que eram acusadas por não terem sabido pôr-se em contacto com o povo, por estarem alheadas do espírito animador do movimento nacional-socialista" (*Ibidem*, 111). Pretende-se assim, conforme a descrição do autor que estamos a analisar, transformar a Universidade numa "Universidade política". E Ramos cita entre outros Ernst Krieck (1882-1947), autor da obra *National-politische Erziehung (Educação Nacional-Política)* (1933), que foi um dos professores que vieram mais tarde a escrever no *Boletim do Instituto Alemão* da Faculdade de Letras de Coimbra atrás citado.
- 41 Nesta análise, de que apresentámos apenas uma amostragem, dificilmente se separa o pensamento de Gustavo Cordeiro Ramos dos autores que vai abordando, numa identificação quase obsessiva com as linhas que orientavam o nacionalismo alemão e o nacional-socialismo, como a sua forma mais moderna.
- 42 De resto, as lições da Academia das Ciências, transformadas em livro, terminavam com este texto clarificador:
- Do exposto, se pode concluir desde já que o movimento nacional-socialista, longe de ser inimigo da cultura, como tem sido acusado pelos seus detractores, assenta num sólido corpo de doutrina; a renovação no campo político estende-se ao domínio literário; a situação do homem de letras dignificou-se pelo seu sentimento profundo de solidariedade social, pela consciência da sua alta missão na vida do povo, estimulando-o nas suas virtudes, animando-o nos seus desalentos, desenvolvendo-lhe o amor da terra, da pátria, da família, da profissão, das virtudes da mulher, até mesmo o amor das plantas e dos animais; o espírito de economia, o horror do luxo, as exterioridades, etc. A linguagem tornou-se espontânea, simples. O livro deixou de ser mero objecto de exploração comercial, para se converter em instrumento de cultura elevada e moral sã. (*Ibidem*, 130-132)
- 43 E concluía com este elogio, apesar de algumas reticências:
- Deverão condenar-se os exageros de alguns dos seus corifeus, em matéria religiosa. O que se não pode em boa verdade é deixar de afirmar que o povo alemão continua a ser *Das Volk der Dichter und Denker* ["O povo da poesia e do pensamento"] e que a

actual situação política da Alemanha soube conquistar em seu favor a inteligência e a mocidade, sustentáculos imprescindíveis de qualquer remodelação social profunda que sem eles está sujeita, se não for destruída por um embate, mais violento ou melhor organizado, a ser desfigurada pela acção de indivíduos sem fé, nem ideal, capazes de converter os chamados *Estados Novos* em estados velhos de ruim estofo. (*Ibidem*, 134)

Garcia Domingues, a "Alma Germânica" e o "Espírito da Nova Europa"

- 44 Para não nos repetirmos em demasia, vamos dar menos espaço à análise do livro do professor e investigador nacional-sindicalista Garcia Domingues, formado em Ciências Histórico-Filosóficas. O seu texto fundamental, publicado em livro em 1942, mas escrito, segundo disse num Apêndice, em Outubro-Novembro de 1940, intitula-se sintomaticamente *OPensamento Alemão. Ensaio sobre o Sentido da Alma Germânica e Espírito da Nova Europa* (Domingues 1942). É fundamental ler a sua Introdução para se perceber o sentido da análise de Garcia Domingues sobre o pensamento alemão. Verificar-se-á que defende uma concepção germanista, entendendo mesmo a guerra como a única possibilidade de ultrapassar uma tentativa de domínio democrático e socialista sobre o mundo, através da nova ideologia que despertava. Leiamos as palavras iniciais do autor:

De que extraordinária importância e transcendente alcance se não reveste para a humanidade a guerra actual, consequência inevitável de duas ideologias antagónicas em presença, e de altos interesses nacionais opostos, se considerarmos a revolução que irá produzir na orgânica das sociedades corrompidas pela ideologia democrática e aviltadas pela trágica existência de negras injustiças... Quando se reconheceu que, apesar de todos os esforços desenvolvidos para a evitar, a guerra devia eclodir, o mundo alarmou-se com razão ante a dramática perspectiva da mais sangrenta hecatombe jamais caída sobre a terra. Mas, por outro lado, a chama vivificante de uma suave esperança deu aos espíritos inquietos pela catástrofe, energia bastante para enfrentarem os horrores que ameaçavam os países em luta e até mesmo os que se mantinham na mais rigorosa neutralidade: a esperança numa era histórica mais justa, na qual todos os povos com realidade etnológica, geográfica e tradicional, e, dentro deles, todos os homens sem distinção de classes, conquistassem o lugar ao sol a que tinham direito e pelo qual de há muito anseiam. Em alguns países, sobretudo na França e na Inglaterra, persistiam no entanto os velhos mitos da democracia e do socialismo, fórmulas que afinal encobriam uma única realidade: o capitalismo burguês. Era, pois, necessário e indispensável pôr fim à última ilusão política do século XIX, a qual consistia sobretudo nos pretensos direitos das democracias à hegemonia europeia. (*Ibidem*, 9-10)²⁶

- 45 A Inglaterra e a França estavam dominadas pelas ideias de democracia e de socialismo, a ponto de a primeira mandar encarcerar quem defendia novas concepções de sociedade, como Sir Oswald Mosley (1896-1980), ou seja, o líder dos fascistas ingleses. Mas entretanto surgiu uma "nova ideia"...

Com o tempo surge uma nova ideia da vida e da sociedade, um novo conceito do homem elevado a toda a dignidade da pessoa, com a clara noção dos seus direitos e dos seus deveres. E só com essa nova mentalidade poderá a Europa encontrar-se a si mesma e traçar conscientemente as grandes linhas do mundo de amanhã. Sem ela, a política europeia deixaria de ter sentido. As democracias demitiram-se, o socialismo enriqueceu e o comunismo mostrou a sua face cínica. Os homens novos da Europa não podem seguir por nenhum desses caminhos e põem a sua esperança no triunfo das ideologias cristãs e nacionalistas. Um novo espírito está em gestação na Europa. (*Ibidem*, 11-12)

- 46 "Ideologias cristãs e nacionalistas" constituíam, pois, na sua diferença, mas também na sua convergência, a "nova ideia". Mas o que pretendia agora Garcia Domingues era conhecer o "problema germânico": "A Alemanha de hoje, «Gross Deutschland» vive uma epopeia sem par" (*Ibidem*, 14). Essa epopeia fazia parte do conceito de uma "nova Europa", para que contribuíssem e contribuiriam novas concepções, não só o nazismo e o fascismo, mas também o cristianismo:

Para a criação do Espírito da Nova Europa fascista e nacional-socialista não contribuiu o Cristianismo em pequena parte, não um cristianismo preso ainda a velhas fórmulas e preconceitos, mas um Cristianismo renovado na sensibilidade e na maneira de apreender o mundo. Um Cristianismo que sofre as próprias dores do mundo e com ele, e que procura desse mesmo sofrimento tirar a lei da compreensão, da salvação e da sublimação. Sem dúvida que na revolução hitleriana entram elementos não filosóficos e que ela mesmo não é propriamente uma revolução filosófica de escola, mas sim uma revolução de mentalidade. (*Ibidem*, 14-15)

- 47 Portanto, o "Espírito da Nova Europa" e o "Novo Espírito Mundial" assentava no "Espírito Alemão" como em outros "Espíritos Nacionais": "A nós, Portugueses, cumpre procurarmos definir com dignidade o Espírito Português e levarmos a cabo a nossa revolução essencialmente personalista" (*Ibidem*, 15).

- 48 Garcia Domingues inicia então uma longa análise do "Espírito Germânico", começando pelas reflexões acerca do "arianismo alemão", a propósito do qual fala da obra de Vacher de Lapouge *L'Aryen et son Rôle Sociale* (1899) e da de H. S. Chamberlain *Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts*, conhecida em Portugal, e citada mesmo pelos católicos, como Gonçalves Cerejeira, pela sua edição francesa (*La Génèse du Dix-Neuvième Siècle*, 1905 e edições seguintes). Fala das origens da "Nação Germânica", com os seus mitos e os seus poemas épicos de que os *Nibelungos* e Sigfried eram um exemplo:

Com razão devia Hitler tomar Siegfried como o herói típico da razão germânica, com razão devia valorizar o significado do drama wagneriano. Do mesmo modo é Cremilde o símbolo da mulher germânica, da mulher que não perdoa, da mulher que ao sentido de luta do homem que um dia amou tudo sacrifica. (*Ibidem*, 41)

- 49 E, seguindo o pensamento alemão, vai à Idade Média procurar a Escolástica e a mística de Mestre Eckart. Vai ao Renascimento e à Reforma: "Fenómeno tipicamente alemão, foi o da reforma. Lutero, renovando as doutrinas de João Huss e de Wicleff, revoltou-se contra o poder de Roma e proclamou a doutrina do livre exame" (*Ibidem*, 52). Fala do idealismo alemão de Leibniz e Wolf, de Kant, Schelling, Fichte e Hegel, de Schopenhauer e de Hartmann, distinguindo-os, obviamente, mas procurando encontrar-lhes os pontos comuns. Considera que a "tradição filosófica alemã" se inclina para um "nacionalismo de sentido universal", para a análise do sujeito, para o sentido da "raça" (*Ibidem*, cap. VI, 63 ss.). E assim sucedia com a evolução histórica. A unidade alemã era recente, pois só começara com Bismarck e se consolidara com Hitler, mas tinha atrás de si a sua história, com o *I Reich* de Otão, a dinastia dos Hohenstaufen, os sete eleitores (os arcebispos de Colónia, de Mogúncia e de Trêves, o rei da Boémia, o margrave de Brandeburgo, o duque da Saxónia e o conde palatino do Reno), a Confederação Germânica sob a presidência da Áustria que se seguiria à derrota de Napoleão em Waterloo (1815), o domínio da Prússia e a formação da Liga Pan-Germânica, que Herder e Schiller apresentam de modo filosófico, o wagnerismo de modo musical e Gobineau e H. S. Chamberlain, um francês e outro (genro de Wagner) originariamente inglês, com os seus escritos políticos.

- 50 Surge depois a "apologia da violência" em Nietzsche, que visitou Wagner, com as suas óperas de sentido mítico, dramático e nacionalista, e o centro musical de Bayreuth. Nietzsche traz a sua concepção de Super-Homem e a sua vontade de poder, a ideia de amoraldade, de "humanidade nova", e ainda a ideia da "nova Alemanha". Por isso, sintetiza Garcia Domingues: "Nietzsche ama profundamente uma Alemanha ideal, que está no futuro e não no passado – uma Alemanha grande. Ele foi assim um primeiro profeta semi-consciente da Alemanha de Hitler" (*Ibidem*, 99). E, por sua vez, surgia uma filosofia vitalista, de Hans Driesch, uma teoria relativista, e renovava-se a Metafísica com a Fenomenologia, segundo a qual através da análise dos fenómenos se revelaria a essência. Ela aparecera com Husserl e tivera várias direcções ideológicas. Ao nível da filosofia da educação e da ciência, Ernst Krieck (que colaborara, recordemos nós outra vez, no *Boletim do Instituto Alemão*) tornava-se o "filósofo oficial da Alemanha Nacional-Socialista" (*Ibidem*, 109-110).
- 51 Ao nível da filosofia da História, no seu livro *Revolução Mundial*, Keyserling – conforme diz Garcia Domingues – "inicia já uma interpretação mais justa dos nacionalismos modernos e chega a reconhecer, com verdade, que o movimento nacional-socialista não tem um sentido espiritual imperialista e que pelo contrário é, na Alemanha, a primeira grande política não imperialista" (*Ibidem*, 113).²⁷ Spengler, com uma lógica pessimista, ao invés do optimismo de Keyserling, acredita, todavia, no "sentido da existência fundamentalmente militar e socialista" do "povo Prussiano" (*Preußentum und Sozialismus* [*Prussianismo e Socialismo*], 1920). Assim, na *Decadência do Ocidente* defende que a derrota da Alemanha em 1918 foi fatal para a Europa. Na obra *Der Mensch und die Technik* (*O Homem e a Técnica*) (1931) – apesar de Garcia Domingues considerar o exagero das doutrinas, mas louvar a sua "beleza literária" – entende que o homem tem naturalmente tendência para a conquista, sendo a "ideologia do trabalho" apenas "uma degenerescência mental e social". Por fim em *Jahre der Entscheidung* (*Anos Decisivos*) (1933), Spengler mostra que na Alemanha há toda uma história no sentido de um "regime nacionalista", considerando a "vitória de Hitler a condição basilar para o renascimento da Alemanha e para o seu triunfo na nova política mundial, que classifica de *planetária*" (*Ibidem*, 115). E, tal como Gustavo Cordeiro Ramos, analisa ainda as teses de Moeller van den Bruck e Ernst Jünger, mesmo de Thomas Mann, Ernst von Salomon e do professor vienense Othmar Spann, vendo neles uma tendência nacionalista ou um arreigado espírito teorizador do Terceiro Reich.
- 52 Finalmente, analisa Garcia Domingues o pensamento e a prática do nacional-socialismo, desde as teses do "primeiro ideólogo", Gottfried Feder (1883-1941), e do *Mein Kampf* de Hitler, que considera "sem dúvida o estudo mais extraordinário de doutrina política dos tempos modernos, sendo além disso, depois da Bíblia, o livro mais lido e divulgado na Alemanha de hoje" (*Ibidem*, 133). Elogia o triunvirato nazi, formado por Hitler, "teórico" e "Chefe", Goebbels, "o propagandista", e Goering, "o realizador". E explica o sentido da mística nazi e da sua doutrina: "o pensamento do nacional-socialismo é um todo harmónico que atravessou várias fases, mas que acabou por se definir completamente". Tratara-se, além disso, de uma doutrina com uma prática coerente: "Chegado ao poder, o movimento executou esse pensamento com rara fidelidade" (*Ibidem*, 155).
- 53 Analisando mais detalhadamente a sua doutrina, que tinha como base a "Raça", Domingues chega a afirmar uma concepção não estatista do nazismo, afinal muito parecida com as teses do salazarismo e com o seu célebre *slogan* "Tudo pela Nação...":

Quanto ao Estado, ele deve, na opinião, de Hitler, constituir-se tendo em vista servir o povo, sendo a ideologia do estatismo condenada e o valor do povo exaltado. O Estado deve estar acima dos partidos, os quais não têm razão de existir no dia em que triunfar o partido Nacional-Socialista, o partido da Nação. Tão-pouco é defensável a luta de classes, porque mesmo quando os interesses delas sejam diferentes, o Estado tem por missão harmonizá-los. (*Ibidem*, 160)

54 E fala das “grandes realizações do nazismo” e da sua filosofia, dando também (como Cordeiro Ramos) um papel singular às teses sobre Educação, reflectindo sobre o pensamento de Rust, ministro da Educação, Krieck, reitor da Universidade de Heidelberg, e Rein, reitor da Universidade de Hamburgo, exactamente aqueles que colaboraram no referido *Boletim do Instituto Alemão* da Universidade de Coimbra.

55 A terminar, Garcia Domingues elogia “a Alemanha de hoje e de ontem, a Alemanha de amanhã e de sempre, a Alemanha revolucionada, pressentida, reformada, ressurgida e erguida ao mais alto cimo da glória, pelo pensamento, pela energia, pelo génio dum homem que tem o nome de Adolf Hitler” (*Ibidem*, 183).

56 Essa Alemanha sucede à Alemanha “humilhada e vilipendiada”, tendo como objectivo o célebre princípio: *ein Volk, ein Reich, ein Fuehrer*. E, mais, a Alemanha nacional-socialista, juntamente com o fascismo, caminhava no sentido de uma “Nova Europa”:

O Nacional-Socialismo de Hitler marcha ao lado do Fascismo de Mussolini, o pai espiritual do Mundo Novo, o grande arauto da Revolução Europeia que, se hoje é alemã, nasceu na Itália, no Lácio, e triunfou inicialmente em Roma cujo glorioso passado histórico tanto pesa nos destinos da humanidade. Eis o que não podemos nem devemos esquecer, e Hitler certamente não o esquecerá. A marcha dos camisas negras sobre a Cidade Eterna foi o primeiro acto do vasto drama heróico a que estamos assistindo. Não admira pois que Fascismo e Nacional-Socialismo caminhem a par no sentido e na construção da Nova Europa. (*Ibidem*, 185)

57 As diferenças entre Alemanha e Itália existiam de facto, mas os objectivos eram idênticos: na Itália vingou o corporativismo, na Alemanha “os sindicatos nazis tomaram feição socialista” e “o sistema dos chefes de empresa foi considerado superior”. “Contudo conclui Domingues – a divergência não é grande, pois em ambos os casos se pretendeu erguer uma nova economia orientada pelo Estado e que desse primacial importância à organização do trabalho” (*Ibidem*, 186).

58 A finalidade principal seria a formação de um “Homem Novo”. E, explicando o conceito, afirma:

De facto, Homem Novo é aquele que, sem nunca ter perdido o sentido da liberdade intelectual, fez a experiência da última luta europeia e procura, para além da Guerra, o campo para a criação dum novo sentido humano, universal. O Homem Novo é aquele que com um amor profundo, mas não doentio, pela humanidade, a quis ver livre e resgatada e para isso lutou, sofreu e venceu. O Homem Novo tem do Mundo uma concepção moderna e original; no campo religioso vê na religiosidade um fenómeno humano e universal e portanto admite que o homem é naturalmente religioso não obstante as variadas formas tomadas pelas religiões. Por tal se supõe o respeito pelas religiões quando elas são nobres e dignas. (*Ibidem*, 187)

59 Mas, para alcançar o ideal do Homem Novo e os Estados de autoridade, haveria que combater os “rotineiros” e as “plutocracias democráticas”, pois estava a morrer um mundo e a formar-se outro.

60 E, mesmo no final do seu discurso, Garcia Domingues clamava, desta forma “moralista”, diríamos (à maneira “cristã”, mas de forma secularizada) de fé, de esperança e de caridade:

Para esse Mundo Novo vai toda a esperança da juventude, toda a crença dos que há longo tempo lutam por um alto ideal de paz, de ordem e de amor. O Mundo Novo não será ordenado pelas ideias antigas, nem governado pelas leis tirânicas: será o levantamento das nações, mas também a dignificação da *personalidade*; trará o respeito pelo autêntico sentido da liberdade espiritual e o culto sem reservas da *comunidade*. (*Ibidem*, 188-189)

- 61 Num Apêndice, em que dizia (como vimos) que o livro publicado em 1942 tinha sido escrito no final de 1940, mantinha obviamente, no seu dizer, “a admiração enorme que o autor [ele próprio] nutre pelo Nacional-Sindicalismo” e pretendia provar o erro da Inglaterra ao propiciar a luta que se passava na Europa, não tendo tropas “para atender a tantos e tão distantes teatros de Guerra” (*Ibidem*, 193). Acreditava, assim, ainda, na vitória da Alemanha (*Ibidem*, 191-199).
- 62 Garcia Domingues assistiu, todavia, contra as suas expectativas, à derrota da Alemanha e, assim, da sua causa. Por isso, manteve-se, de alguma forma, numa posição lateral ao sistema político que triunfava em Portugal, o Estado Novo de Salazar, que o ia vigiando, aceitando, porém, que lhe fossem atribuídas bolsas de estudo pelo Instituto de Alta Cultura, dirigido durante bastante tempo por ex-nacionais-sindicalistas e germanófilos. Assim, na memória recente ficou sobretudo a imagem do investigador e até do opositor ao salazarismo, que, como se sabe, se veio da esquerda ou de várias posições do largo espectro que ela constitui, veio também da direita, tal como o líder nacional-sindicalista Rolão Preto, exilado nos primeiros anos do salazarismo, ou o líder dos monárquicos, o quixotesco Paiva Couceiro, o eterno exilado mas sempre lembrado como o “herói” das guerras de Moçambique e de Mouzinho de Albuquerque, “o herói dos heróis”.
- 63 Talvez por essa razão não seja de estranhar que Garcia Domingues, apesar de ter sido admirador da Alemanha nazi, seja homenageado na sua terra, onde não conseguiu, aliás, grandes dividendos políticos (Duarte 2008, 191). Na verdade, o seu nome foi concedido, em tempo de democracia ou devido a essa democracia, em Silves, a uma escola, a Escola EB 2,3 Dr. Garcia Domingues.

À maneira de conclusão

- 64 Ao contrário do que por vezes se pensa e, sobretudo, se divulga, a germanofilia hitle-riana foi um facto evidente no cenário do Estado Novo. Como se disse no início deste ensaio, convinha a Salazar manter viva as duas perspectivas: a nazi-fascista e a liberal inglesa, apoiada apenas numa “razão de Estado”, a Aliança centenária com o Reino Unido. Conseguiria afinal – e essa foi sempre a sua arma – cobrir as duas posições, com a sua intolerância para com o comunismo e a democracia (demo-liberalismo), e igualmente para com os “desobedientes” da direita, mas, sobretudo, afirmando a “originalidade” do seu sistema político, a que Salazar e os salazaristas intitularam, numa terminologia e numa conceptologia que se constituiu com o fascismo italiano, e ainda antes, “Estado Novo”.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, Torres de. 1933. *Nazis. Aspectos Cívicos e Políticos da Alemanha*. Lisboa: Edições Henrique Torres.
- CLARA, Fernando, e Cláudia Ninhos (eds). 2014. *A Angústia da Influência. Política, Cultura e Ciência nas Relações da Alemanha com a Europa do Sul*. Frankfurt am Main: Peter Lang GmbH. Outra edição: *Nazi Germany and Southern Europe. Science, Culture and Politics*. London: Palgrave Macmillan, 2016.
- DOMINGUES, José Garcia. 1942. *O Pensamento Alemão. Ensaio sobre o Sentido da Alma Germânica e Espírito da Nova Europa*. Lisboa: SAL – Sociedade Astória Limitada.
- DOMINGUES, José Garcia. 1957. *Lições de História da Civilização Portuguesa (de harmonia com o programa em vigor para o 7.º ano dos liceus)*. Lisboa: União Gráfica.
- DOMINGUES, José Garcia. 1959. *História Universal e Geral da Civilização*. Lisboa: União Gráfica.
- DOMINGUES, José Garcia. 1962. *Lições de História Geral da Civilização (de harmonia com o programa em vigor para o 6.º ano dos liceus)*. Lisboa: União Gráfica.
- DUARTE, Maria João. 2008. *Oposição à Ditadura Militar e ao Estado Novo (1926-1958): O Caso do Concelho de Silves*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Publicação: *Silves e o Algarve: uma História de Oposição à Ditadura*. Lisboa: Colibri, 2010.
- FERRO, António. 1950. "Política do Espírito e sua definição". Discurso pronunciado na sede do Secretariado da Propaganda Nacional, na primeira festa dos Prémios Literários, em 21 de Fevereiro de 1934. In António Ferro, *Prémios Literários, 1934-1947*, 29-30. Lisboa: Edições SNI.
- FRIAS, Eduardo. 1941. *1000 Pensamentos de Adolf Hitler*. Lisboa: Edições Alma.
- HAFFNER, Sebastian. 2005. *História de um Alemão. Memórias 1914-1933*. Tradução portuguesa. Lisboa: Dom Quixote.
- JANEIRO, Helena Pinto. 1998. *Salazar e Pétain. Relações Luso-Francesas durante a II Guerra Mundial (1940-44)*. Lisboa: Cosmos.
- LEONE, Eduardo Metzner. 1941. *Nazis (Dez Meses na Alemanha em Guerra)*. Lisboa: Livraria Portugal.
- LINO, Raul. 1943. "Algumas considerações sobre Arquitectura Alemã Contemporânea", *Boletim do Instituto Alemão* X: 4.
- LOFF, Manuel. 1996. *Salazarismo e Franquismo na Época de Hitler (1936-1942)*. Porto: Campo das Letras.
- LOFF, Manuel. 2008. "O Nosso Século é Fascista" – *O Mundo Visto por Salazar e Franco (1936-1945)*. Porto: Campo das Letras.
- LOUÇÃ, António. 1997. *Negócios com os Nazis. Ouro e Outras Pillagens. 1933-1945*. Lisboa: Fim do Século.
- LOUÇÃ, António. 2005. *Conspiradores e Traficantes. Portugal no Tráfico de Armas e de Divisas nos Anos do Nazismo*. Dafundo: Oficina do Livro.
- MADEIRA, Lina. 2005. *Correspondência de um Diplomata no III Reich. Veiga Simões: Ministro Acreditado em Berlim de 1933 a 1940*. Coimbra: Mar da Palavra.
- MEDINA, João. 2000. *Salazar, Hitler e Franco. Estudos sobre Salazar e a Ditadura*. Lisboa: Horizonte.

- MONCADA, Luís Cabral. 1937. *O Dever da Hora Presente*. Conferência realizada nas salas da Associação Académica de Coimbra, na noite de 10 de Dezembro de 1936, e repetida no Teatro Nacional, em Lisboa, na noite de 18 do mesmo mês e ano. Coimbra: Arménio Amado, 64-65.
- MONCADA, Luís Cabral. 1992. *Memórias ao Longo de uma Vida. Pessoas, Factos e Ideias*. Lisboa: Verbo.
- MUCZNIK, Esther. 2012. *Portugueses no Holocausto. História das Vítimas dos Campos de Concentração, dos Cônsules que Salvaram Vidas e dos Resistentes que Lutaram contra o Nazismo*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- NINHOS, Cláudia. 2017. *Portugal e os Nazis. Histórias e Segredos de uma Aliança*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- NUNES, João Paulo Avelãs. 2010. *O Estado Novo e o Volfrâmio (1933-1947). Actividade Mineira~, Grande Depressão e Segunda Guerra Mundial*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- PEREIRA, Ana Cristina Clímaco. 1998. *L'Exil politique portugais en France et en Espagne*. Tese de doutoramento apresentada à Université de Paris 7 (Denis Diderot).
- PIMENTEL, Irene Flunser. 2007. *A História da PIDE*. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates.
- PIMENTEL, Irene Flunser, e Cláudia Ninhos. 2013. *Portugal e o Holocausto*. Lisboa: Círculo de Leitores/ Temas e Debates.
- PINTO, António Costa. 1994. *Camisas Azuis. Ideologia, Elites e Movimentos Fascistas em Portugal. 1914-1945*. Lisboa: Estampa.
- RAMOS, Gustavo Cordeiro. 1934. *Alguns Aspectos sobretudo Literários do Moderno Nacionalismo Alemão*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, Biblioteca de Altos Estudos.
- RAMOS, Gustavo Cordeiro. 1937. *Os Fundamentos Éticos do Estado Novo*. Separata de *Uma série de conferências*. Lisboa: União Nacional.
- SANTOS, José Beleza dos. 1935. "Uma viagem de estudo à Alemanha". *Boletim do Instituto Alemão V*, Suplemento: 21-26. Publicação comemorativa do décimo aniversário do Instituto Alemão.
- SCHIRÒ, Luís Bensaja dei. 1997. *A Experiência Fascista em Itália e em Portugal*. Lisboa: Universidade Lusófona.
- SCHWARZ, Reinhard. 2006. *Os Alemães em Portugal, 1933-1945. A Colónia Alemã através das suas Instituições*. Porto: Antília Editora.
- SIMÕES, Alberto Veiga. 1911. *A Nova Geração. Estudo sobre as Tendencias Actuaes da Litteratura Portuguesa*. Coimbra: França Amado.
- SOUSA, Jorge Pais de. 2007. *Uma Biblioteca Fascista em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- TELO, António José. 1990. *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal 1939-1945*. Lisboa: Perspectivas & Realidades.
- TELO, António José. 1991. *Portugal na Segunda Guerra*, 2 vols. Lisboa: Vega.
- TELO, António José. 2000. *A Neutralidade Portuguesa e o Ouro Nazi*. Lisboa: Quetzal.
- TORGAL, Luís Reis. 1993. "Antero 'Mestre da Contra-Revolução'. Ensaio de Análise das leituras 'integralistas'". In *Congresso Anteriano Internacional. Actas*, 787-803. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- TORGAL, Luís Reis. 1994. "Salazarismo, Alemanha e Europa. Discursos políticos e culturais". *Revista de História das Ideias* 16: 73-104. Publicado também in *Portugal und Deutschland auf dem Weg*

nach Europa / Portugal e a Alemanha a Caminho da Europa, coord. Marília Lopes dos Santos, Ulrich Kniefelkamp e Peter Hanenberg, 193-219. Centaurus-Verlagsgesellschaft, Pfaffenweiler, 1995; e in *O Fim da Segunda Guerra Mundial e os Novos Rumos da Europa*, coord. António José Telo, 241-262. Lisboa, Cosmos, 1996.

TORGAL, Luís Reis. 1998. “Caminhos da cultura portuguesa do ‘fim de século’. Rumos contraditórios das ‘novas gerações’”. In *Los 98 Ibéricos y el Mar. Actas*, Tomo II: *La cultura en la Península Ibérica*, 121-135. Madrid: Sociedad Estatal Lisboa’98.

TORGAL, Luís Reis. 2000. “Germanismo e germanofilia numa revista universitária. O *Boletim do Instituto Alemão* da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1926-1943)”. In *Portugal, Indien und Deutschland / Portugal, India e Alemanha. Akten der V. Deutsch-Portugiesischen Arbeitsgespräche / Actas do V Encontro Luso-Alemão (Köln / Colónia - 1998)*, ed. Helmut Siepmann, 495-509. Zentrum Portugiesischsprachige Welt Universität zu Köln/Universidade Nova de Lisboa. [Com resumo em alemão, “Germanophile Tendenzen einer universitären Zeitschrift. Das ‘Boletim’ des Germanistikinstituts der Universität Coimbra”, na p. 509]. Outra versão: “Germanismo e germanofilia numa revista universitária. O *Boletim do Instituto Alemão* da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1926-1943). In *O Beijo Através do Atlântico. O Lugar do Brasil no Panlusitanismo*, org. Maria Bernardete Ramos, Élio Serpa e Heloísa Paulo, 327-356. Chapecó: Argos - Editora Universitária, 2001.

TORGAL, Luís Reis. 2004. “O Modernismo Português na Formação do Estado Novo de Salazar. António Ferro e a Semana de Arte Moderna de São Paulo”. In *Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, org. Jorge Martins Ribeiro, Francisco Ribeiro Silva e Helena Osswald, vol. 3: 1085-1102. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

TORGAL, Luís Reis. 2009. *Estados Novos, Estado Novo*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

TORGAL, Luís Reis. 2011. “História, ficção e memória. Notas de leitura e de viagem à volta do Nazismo, do Fascismo e do Estado Novo”. In *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Manuela Gouveia Delille*, coord. Maria Teresa Delgado Mingocho, Maria de Fátima Gil e Esmeralda Castendo, vol. II: 1085-1095. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Centro de Investigação em Estudos Germanísticos, Minerva.

VELLOSO, Francisco. 1942. *O Drama da Unidade Alemã*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.

NOTAS

1. Ver, por exemplo, o ensaio de Luís Bensaja dei Schirò (1997) e o catálogo (precedido de um interessante estudo) de Jorge Pais de Sousa (2007). Infelizmente, a tese de doutoramento de Stefano Salmi, *Le Relazione fra L'Italia e il Portogallo durante il Periodo Fascista*, apresentada na Universidade de Coimbra e orientada pelo Professor Alberto de Bernardi (Universidade de Bolonha) e por mim, não nos trouxe as novidades que desejávamos para a temática que se adivinhava tão interessante. Devem consultar-se ainda os volumes ultimamente publicados sobre o Corporativismo: a revista *Estudos do Século XX*, vol. 12 (2016): “Corporativismo e doutrinas sociais”. Coimbra: Imprensa da Universidade/CEIS20; a tese de Daniele Serapiglia. 2009. *Portogallo: Corporativismo e Tradizionalismo Cattolico*. Università di Bologna/Universidade de Coimbra; e o livro de Matteo Pasetti. 2016, *L'Europa corporativa. Una storia transazionale tra le due guerre mondiali*. Bolonha: Bononia University Press. Também há vários artigos de história comparada ou paralela, do Fascismo e do Estado Novo (português e brasileiro), nos vários livros de actas - oito já publicados - de onze colóquios sobre os Autoritarismos e os Totalitarismos, que têm contado com

a participação de investigadores do CEIS20 da Universidade de Coimbra e das Universidades de São Paulo, Bolonha e, mais recentemente, Vigo.

2. Heloísa Paulo está a estudar o percurso e as relações dos oposicionistas portugueses com a Espanha republicana e com as forças antifranquistas. Tem também interesse a tese, ainda não publicada, de Ana Cristina Clímaco Pereira (1998).

3. De alguma forma, completa e diversifica (porque se trata da visão de um estrangeiro) o notável livro de Sebastian Haffner (2005), publicado postumamente.

4. O seu projecto de investigação intitulava-se *Parceiros Fiéis. As Relações Luso-Alemãs no século XX*.

5. Recordemos os textos de personalidades que se encontravam ligadas à Universidade e à Educação: "A ideia da Universidade Política", de Adolf Rein, reitor da Universidade de Hamburgo, e as curtas reflexões (os textos completos haviam sido editados nas *Publicações do Instituto Alemão*) sobre os temas "Nacional-socialismo e Ciência", do ministro da Educação Nacional do Reich, Bernhard Rust, e "O problema da objectividade da Ciência", do reitor da Universidade de Heidelberg, Ernst Krieck, que constituíam dois discursos proferidos na sessão comemorativa do jubileu da mesma Universidade, em 1936.

6. Foi ministro de 23 de Outubro de 1934 a 18 de Janeiro de 1936.

7. Pelo significado da sua obra – pois Torres de Carvalho esteve presente no congresso de Nuremberga do Partido Nazi de 1933 e entrevistou, entre outros, Rudolf Hess, Goebbels, Rosenberg, Ernst Röhm, Hans Frank –, ver *Nazis. Aspectos Cívicos e Políticos da Alemanha* (1933).

8. Fez conferências de propaganda a favor da Alemanha nazi, aos microfones da rádio de Berlim.

9. Foi ministro de Salazar de 5 de Julho de 1932 a 11 de Abril de 1933, ou seja, durante o período que imediatamente antecede a constitucionalização do Estado Novo, continuando depois, desde esse dia 11 de Abril até 24 de Julho de 1933. Antes fora ministro do general José Vicente de Freitas (de 10 de Novembro de 1928 a 8 de Julho de 1929) e do general Domingos de Oliveira (de 21 de Janeiro de 1930 a 5 de Julho de 1932).

10. Cordeiro Ramos escreveu um opúsculo a favor da política do Estado Novo: *Os Fundamentos Éticos do Estado Novo*, 1937.

11. Ver Maria João Duarte (2008), sobretudo o capítulo 2.4. ("A Oposição à direita", pp. 189-201).

12. ANTT, Arquivo da PIDE/DGS, cadastro político n.º 4.936.

13. Teresa Pinheiro apresentou no atrás citado VIII Encontro Luso-Alemão, realizado em Aveiro, a comunicação "As ficções dos factos. A criação de laços luso-germânicos no discurso historiográfico de Gustavo Cordeiro Ramos", que pensamos ainda estar inédita.

14. As referências cronológicas aos autores e às suas obras não aparecem muitas vezes na obra de Cordeiro Ramos, sendo da nossa responsabilidade, para melhor integrarmos as suas reflexões.

15. O texto está entre aspas porque assim se encontra no livro de Cordeiro Ramos que o traduziu da obra citada de Moeller van den Bruck. Utilizaremos o mesmo critério em casos idênticos, nos textos destacados.

16. Muitos exemplos deste tipo de discurso poderiam aqui ser transcritos. Todavia, sugerimos a consulta de um livro intitulado *Portugal 1940*, Edição da Comissão Executiva dos Centenários, s.d., onde se encontra a foto de Salazar a fazer a continência romana (fascista) e onde o "Chefe" é apresentado como "o primeiro trabalhador de Portugal" (s/ pág.).

17. T. Mann ganhou o prémio Nobel em 1929 graças sobretudo a esta obra e não a outra obra célebre: *A Montanha Mágica, Der Zauberberg* (1924).

18. Ver, por exemplo, o nosso artigo "Antero 'Mestre da Contra-Revolução'. Ensaio de Análise das leituras 'integralistas'" (1993).

19. Trata-se de um texto de combate, que não pertencia propriamente a Goebbels, mas que foi publicado no seu jornal *Der Angriff (O Ataque)*, em Setembro de 1929. Era seu autor Horst Ludwig Wessel (1907-1930), que morreu assassinado e se tornou postumamente o exemplo do jovem herói nazi.

20. No sentido de judeu errante: Isaac Ashavero.

21. O texto foi tirado, como se disse, do citado livro de Ernst Posse, *Politischen Kampfbünde Deutschlands*, p. 44.
22. Recorde-se que Rosenberg foi o editor do jornal *Völkischer Beobachter* (*Observador Popular*), publicado a partir de 1921 e que marca o início do Partido Nazi.
23. Ver o nosso artigo "Caminhos da cultura portuguesa do 'fim de século'. Rumos contraditórios das 'novas gerações'" (1998). Verificar-se-á que Alberto Veiga Simões, intelectual e político republicano, no seu livro *A Nova Geração. Estudo sobre as Tendências actuaes da Litteratura Portuguesa* (cf. Simões 1911), apresenta uma opinião sobre a cultura e a literatura onde se destaca uma posição antifrancesa e um particular interesse por Nietzsche, Wagner, Marinetti, D'Annunzio, etc.
24. António Ferro, ao discursar sobre os Prémios Literários do SPN, dizia: "Criando-os, não quisemos estimular, como é fácil agora deduzir, o satanismo literário, a política da matéria, que já condenámos, mas a política do espírito, que já definimos. Não somos uma academia de ciências nem um organismo exclusivamente literário. Temos outros objectivos, que não são incompatíveis com a finalidade das instituições de cultura que possam recompensar a livre produção, mas esses objectivos são corajosa e francamente limitados por balizas morais e espirituais. Como escritor, podemos ler, admirar certas obras literárias inconformistas, que consideramos dissolventes e perigosas quando muito fortes. Como dirigente dum organismo que se enquadra dentro do Estado Novo, não podemos aceitar nem premiar essas obras. Não teremos força, talvez, para as evitar, mas nada faremos – nem devemos fazer – para lhes dar alento. Protegê-las, estimulá-las, seria uma traição aos princípios que defendemos e defenderemos. As intenções *amplamente construtivas* dos nossos prémios são, portanto, facilmente compreensíveis" (1950, 29-30).
25. Claro que não se refere ao "Estado Novo" português, mas a "Estado Novo" em sentido genérico e, neste caso, germânico.
26. No original, a Introdução está em itálico.
27. No original aparece escrito *Kayserling*. Trata-se do Conde Keyserling ou Hermann von Keyserling (1880-1946), que é considerado um dos precursores do nacional-socialismo, mas que tomará posições contra as práticas do nazismo durante a Segunda Guerra Mundial. A obra acima referida tratar-se-á da versão francesa, *La Révolution Mondiale et la Responsabilité de l'Esprit*, 1934. Em 1930 esteve em Portugal a proferir conferências.

RESUMOS

Tendo em atenção o carácter específico do Estado Novo e a sua tentativa de afastamento teórico e ideológico dos Estados totalitários, nomeadamente do nazismo, poder-se-ia pensar que durante a vigência do sistema de Hitler (1933-1945) não seria importante a presença da cultura alemã, de tipo nazi ou próxima dele, em Portugal. Todavia, a pouco e pouco, à medida que vão sendo feitos estudos em várias áreas, vai-se verificando essa presença. Este é mais um estudo dessa "ligação perigosa", no domínio da literatura e da cultura em geral.

One might reckon that the influence of German culture, Nazi-type or close to it, would not be important in Portugal during Hitler's dictatorship (1933-1945), considering the specific character of the Portuguese "Estado Novo" and its attempt to depart from the theories and ideologies of totalitarian States, including Nazism. However, studies in various fields are disclosing that influence. This article aims at analysing this "liaison dangereuse" in Portuguese literature and culture in general.

ÍNDICE

Palavras-chave: germanofilia, germanismo, nazismo, Luís Cabral Moncada, Gustavo Cordeiro Ramos, José Garcia Domingues

Keywords: germanophilia, germanism, nazism, Luís Cabral Moncada, Gustavo Cordeiro Ramos, José Garcia Domingues

AUTOR

LUÍS REIS TORGAL

Professor Catedrático aposentado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal.
lreistorgal@gmail.com

Nascido em Coimbra, em 1927, foi professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e fundador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da mesma Universidade (CEIS20). Investigador e professor na área de História Contemporânea, depois de ter trabalhado sobre a Época Moderna, área em que se doutorou em 1978 com uma tese sobre as ideias políticas da Restauração (publicação em 1981-82), foi convidado por várias universidades e centros de investigação. Iniciou o estudo do Estado Novo nos anos 80.

Born in Coimbra, in 1927. Full professor at the Faculdade de Letras of Universidade de Coimbra and founder of the Centre for Interdisciplinary Studies of the 20th Century in the same University (CEIS20). He was a researcher and professor in the field of Contemporary History, after having worked on the Early Modern period in his Ph.D. thesis on the political ideas of "Restauração da Independência em 1640" (1978, published in 1981-82). He was invited by several universities and research centres. He started to study of the "Estado Novo" in the decade of 1980.